

O GÊNERO EPISTOLAR NA ANTIGUIDADE: A IMPORTÂNCIA DAS CARTAS DE CIPRIANO PARA A HISTÓRIA DO CRISTIANISMO NORTE AFRICANO (SÉCULO III D.C.)

THE EPISTOLARY GENRE IN ANTIQUITY: THE IMPORTANCE OF LETTERS OF CYPRIAN FOR NORTH AFRICAN HISTORY OF CHRISTIANITY (THIRD-CENTURY A.D.)

Carolline da Silva SOARES*

Resumo: Ao nos debruçarmos nos estudos acerca do cristianismo antigo percebemos que algumas análises ainda se pautam numa leitura teológica e doutrinal e tendem a deixar de lado os aspectos político-administrativos e disciplinares da organização das comunidades cristãs, bem como o cotidiano dos cristãos nas *ciuitates* greco-romanas. As epístolas de Cipriano, bispo de Cartago entre os anos 249 e 258, nos dão importantes informações acerca da constituição das comunidades cristãs africanas e do cotidiano dos cristãos cartagineses de meados do século III d. C., sobretudo durante o período das perseguições dos imperadores Décio e Valeriano. Nosso objetivo nesse artigo é discutir as informações contidas nas epístolas de Cipriano como fontes primordiais para a percepção do processo de desenvolvimento do cristianismo no norte da África, especificamente na cidade de Cartago durante o século III, momento no qual a crença cristã ainda é considerada uma *religio illicita*.

Palavras-chave: Cristianismo – Cipriano – Cartas – Cristãos – Norte da África.

Abstract: By examining studies about ancient Christianity we realize that some analyzes are still in a guided reading theological and doctrinal, and tend to leave out the political and administrative aspects of the organization and discipline of the Christian communities, as well as the daily life of Christians at *ciuitates* Greco-Roman. The Epistles of Cyprian, Bishop of Carthage between the years 249 and 258, provides important information about the formation of the African Christian communities and the daily lives of Christians Carthaginians from the mid-third century A.D., especially during the period of the persecutions of the emperors Decius and Valerian. Our goal in this article is to argue the information contained in the epistles of Cyprian as main sources for the perception of the development of Christianity in North Africa, specifically in the city of Carthage during the third century, at which Christian belief is yet considered a *religio illicita*.

Keywords: Christianity – Cyprian – Letters – Christians – North Africa.

Introdução

O *corpus Cypriani* que chegou até nós é composto por 81 *epistulas* e 13 tratados.¹ Esses nos trazem datas precisas relativas à organização da Igreja de Cartago e, também, de algumas outras comunidades ocidentais, como as de Roma e da Hispânia.

* Mestre em História – Doutoranda em História – Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas – UFES – Universidade Federal do Espírito Santo, CEP: 29075-910, Vitória, Espírito Santo – Brasil. Bolsista Capes - orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. E-mail: carollines@gmail.com

As obras de Cipriano contêm informações acerca das disciplinas eclesiástica e doutrinal, da liturgia, das reuniões dos fiéis, do ritual da adoração, entre outras. As *Cartas*, sobretudo, nos informam acerca do cotidiano de um bispo de uma Sé influente no Império Romano em meados do século III. A preeminência da Igreja de Cartago; o relaxamento da disciplina; a cronologia dos concílios, sua periodicidade e os temas de discussão; entre outras questões, são alguns aspectos que a correspondência de Cipriano nos permite conhecer (GÓMEZ, 2002, p. 9).

Do que podemos deduzir das informações conservadas por outros autores com respeito às *Epistulae* de Cipriano, algumas se perderam, e, provavelmente, alguns de seus sermões também. A ordem em que as cartas se agrupam nas variadas edições modernas corresponde, em termos gerais, a uma seleção cronológica. A coleção que chegou até os dias atuais, no entanto, não possui todas as cartas de Cipriano. Algumas se perderam. Em contrapartida, algumas cartas que compõem o *corpus* não foram escritas por ele, mas sim endereçadas ao bispo e relaciona-se com os assuntos e polêmicas levantadas por Cipriano (CAMPOS, 1964, p. 38).

O gênero epistolar no Mundo Antigo

A epístola, de acordo com Rosenmeyer (1997, p. 31) pode ser vista como um gênero epistolar, mas um gênero com uma particular fluidez. Parece que para ser classificado como uma carta, o escrito deveria ser endereçado a um destinatário específico, ou a vários destinatários. Assim, o leitor, isto é, o destinatário, ocupa, na carta, o primeiro plano, diferentemente de outros tipos de escritos (ALTMAN, 1982, p. 87-88).

Porém, o elemento mais relevante em relação às epístolas é a separação física entre o escritor e o destinatário. Como Altman (1982) destaca, uma carta supera a distância geográfica e/ou temporal entre o autor e o leitor. Além disso, elas são escritos específicos e produto particular de uma determinada circunstância. Ademais, é relevante a oposição entre a carta e outros tipos de texto. A discriminação é geralmente invocada entre as cartas literárias e as cartas não literárias. Segundo Edwards (2005, p. 270), faz mais sentido enfatizar a natureza distinta da carta como um documento escrito em contraste com a palavra falada. Além disso, um documento escrito sempre tem a possibilidade de ser lido por terceiros. O leitor "externo", como Edwards chama o leitor que não é o destinatário, é, portanto, sempre uma presença implícita.

Em relação às cartas da Antiguidade, alguns estudiosos tentaram traçar uma distinção acerca desse tipo de texto. Adolf Deissmann (1910) demonstra a diferença entre as formas de uma “carta genuína” e uma “epístola”. Para Deissmann, uma *carta genuína* “era pessoal e dirigida a uma pessoa referente a um problema de situação específica” (DEISSMANN, 1910 apud HALE, 1986, p. 195). De acordo com esse autor, não haveria, portanto, nenhuma intenção de ser feita uma leitura mais extensiva da correspondência, a não ser por aqueles a quem a carta estava endereçada. Já as epístolas, ao contrário, “eram dispositivos literários com uma audiência maior de leitores em mente”, assim, “a epístola era escrita sob o pretexto de ser uma carta pessoal, com a finalidade expressa de ser publicada” (DEISSMANN, 1910 apud HALE, 1986, p. 195).

O estudo da atividade epistolar englobava, no Mundo Antigo, as esferas que, no Mundo Moderno, convencionou-se denominar de domínios público e privado. Isso se explicou pelo fato de que na Antiguidade algumas cartas que foram escritas para amigos, parentes ou discípulos ganharam um tratamento posterior à sua escrita e foram publicizadas por meio de cópias que eram remetidas a vários destinatários ou guardadas em bibliotecas, para o acesso da população letrada (GONÇALVES; DI MESQUITA, 2009, p. 32).

A distinção de Deissmann entre a carta de caráter “privado” e a de caráter “público” exerceu grande influência nos pesquisadores posteriores a ele, mas hoje é considerada muito rígida, optando-se por classificações mais articuladas que levem em consideração os antigos tratados sobre o tema, uma vez que os manuais de epistolografia do Mundo Antigo distinguiam diversos tipos de cartas (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 32). Entre esses tratados chegaram até nós os *Typoi Epistolikoi*, do Pseudo-Demétrio, nos quais são descritos 21 categorias de cartas, datados da passagem do II para o I século a.C.; e os *Epistolimaioi Characteres*, do Pseudo-Libânio, datados entre os anos 314 a 393 d.C., nos quais são descritos 41 tipos de epístolas (GONÇALVES; DI MESQUITA, 2009, p. 34).

Ao estudioso da área, é importante, igualmente, evitar a “oposição de duas grandes categorias – como, por exemplo, entre cartas e epístolas – em favor de um espectro de possibilidades”. Os escritores antigos não estavam preocupados com esta questão e não faziam diferenciação entre cartas, epístolas, *litterae* e outras formas de correspondência. Tal inquietação, isto é, distinguir o que era carta, epístola e *litterae* no mundo greco-romano, é muito mais uma necessidade dos estudiosos do mundo atual do que dos indivíduos da Antiguidade. O fato é que “quase todo gênero de composição

podia ser enquadrado numa moldura epistolar” (MORESCHINI; NORELLI, 1996, p. 32-33). A sistematização de convenções para a escrita de um documento epistolar parece ter sido uma inquietação marginal às preocupações dos tratados retóricos na Antiguidade (MALHERBE, 1988, p. 3).

Importante destacar, é que “a epistolografia, no Mundo Antigo, era uma arte, uma técnica exercida pelo pequeno coeficiente de letrados, capazes de aplicar os elementos constitutivos da retórica para transmitir mensagens e informações”, como afirmam Gonçalves e Di Mesquita (2009, p. 31). A carta, nesse período, era o principal suporte de comunicação e circulação de notícias em uma sociedade como a greco-romana, em que a mídia era muito mais restrita que a do mundo atual. Assim, sem meios de comunicação que chegassem a grandes grupos sociais, as missivas tornaram-se *locus* essencial de informações e ideias entre particulares, e destes com pequenas comunidades e grupos, aos quais as cartas eram expedidas.

Não podemos negar o valor histórico de tais documentos que nos chegaram do Mundo Antigo Clássico, em fragmentos ou completos. Vários escritores antigos, como Dión Cássio, se valeram, algumas vezes, de missivas para obter informações que compuseram suas obras. Tais cartas encontravam-se guardadas em locais de acesso público, como as bibliotecas, ou teriam sido trocadas com membros da elite e, por vezes, com o próprio imperador.² Tais cartas possuem um caráter histórico inegável, sobretudo para o estudo da sociedade romana republicana e imperial. Entre essas cartas não podemos deixar de mencionar as cartas de Cícero, trocadas com seus amigos Ático e Bruto, e seu irmão Quinto Túlio Cícero; as correspondências trocadas entre Plínio, o jovem, governador da Bitínia, e o imperador Trajano; e, também, as cartas de Sêneca, dedicadas ao seu amigo e discípulo Lucílio.

O gênero epistolar antigo possuía características específicas e códigos genéricos que distinguiam a carta de outras formas textuais. No entanto, de acordo com Trapp (2003, p. 1), reconhecer o limite entre uma carta e outros tipos de escrito é bastante complexo. Derrida (1987, p. 48) chamou atenção para este tipo de dificuldade quando declarou que a carta/epístola não é apenas um gênero literário, mas todos os gêneros. Ela é a própria literatura. Diante disso, Ebbeler (2010, p. 465) afirma que é difícil enquadrar as cartas aos modos formais de análise genérica, pois elas podem ser compostas em prosa ou em uma variedade de métricas e, ocasionalmente, em uma mistura de ambas. Esse tipo de literatura pode apresentar uma enorme variedade de temas; podem variar de comprimento, de uma sentença a dezenas de páginas; podem ser

escritos em diversos tipos de materiais: tabletes de cera, madeira, metal, papiro, cerâmica e em peles de animais; além disso, a autoria das epístolas não se limitou a nenhum grupo social específico. Ebbeler conclui, juntamente com Derrida (1987), que os rótulos genéricos *epistula* e *litterae* foram usados indiscriminadamente, ou seja, que os autores antigos não estavam preocupados com a diferenciação entre as duas denominações.

Nos últimos anos os estudiosos têm se debruçado numa abordagem menos atomista em relação às epístolas e desenvolvido um estudo mais funcional (STOWERS, 1986, p. 23). A busca por distinguir entre cartas de caráter público ou privado, e entre reais e ficcionais, foi substituída por uma abordagem mais holística (ROSENMEYER, 2001, p. 5-12). As novas análises epistolares se focaram no estudo dos relacionamentos à distância mantidos por remetentes e destinatários. Embora os escritores antigos insistam em caracterizar seus textos como *colloquia in absentia*, ou seja, como uma conversa à distância, é relevante destacar o caráter dialógico da carta, que só recentemente foi reconhecido como uma característica integral do gênero epistolar (HALL, 2009).

Para Depew e Obbink (2000, p. 6), a carta/epístola, assim como outros escritos baseados em formas literárias, configura-se como um gênero único. Seus códigos eram constantemente renegociados e inovados para atender as demandas específicas de seu tempo e lugar. Estas atividades, segundo os autores, foram direcionadas por um exclusivo, embora adaptável, conjunto de convenções e expectativas.

Ao lado das cartas escritas em prosa, como as de Cícero, Sêneca e Plínio, o Jovem, que são muitas vezes consideradas como correspondência “verdadeira”, é preciso considerar uma série de poemas compostos em forma epistolar. De acordo com Edwards (2005, p. 271), os estudiosos geralmente tem menos disposição em ve-los como escritos enviados a um destinatário. No entanto, alguns destes poemas, como as *Heroides* de Ovídio, compostas em verso e atribuídos às heroínas e aos heróis mitológicos, foram dirigidas a seus entes queridos e são claramente ficcionais. A autora pensa que não faz sentido considerar todas estas variedades de cartas conjuntamente. Ao contrário, aconselha que a análise das cartas em prosa e as em verso pode servir para distinguirmos algumas das características antigas literárias referentes a esse gênero literário.

Considerando brevemente os elementos contidos em uma carta, vislumbramos que se tratava de fórmulas fixas, que admitiam limitadas variações, encontradas,

principalmente, no início e na conclusão do escrito. Assim, a carta começava com o prescrito (*praescriptum*) constituído por três elementos: 1) o nome do remetente (*superscriptio*); 2) o nome do destinatário (*adscriptio*); e, 3) uma saudação (*salutatio*), à qual podia ser adicionado um voto de boa saúde (*formula ualetudinis*). Esses três elementos podiam ser acompanhados de indicações de parentesco ou títulos aos dois nomes – do remetente e do destinatário –, e de advérbios à saudação. No final da carta havia uma fórmula do tipo “cuida-te para estares bem”, que mais tarde foi substituída por uma expressão em que se transmitiam saudações de outros e/ou se pedia que se transmitissem cumprimentos a conhecidos comuns. Na conclusão da carta encontrava-se, frequentemente, a máxima “que fiques/fiqueis bem”, seguida, na maioria das vezes, da data. Já o corpo da carta era contido por fórmulas que introduziam vários tipos de comunicação, por exemplo, “recebi a tua carta” ou “fica sabendo que”, entre outras.

Percebemos que no Mundo Antigo se criou uma retórica epistolográfica com normas muito precisas, que definiam gêneros para as missivas de acordo com o pretexto que levava o remetente a escrever e emitir a carta ao destinatário, o qual podia ser apenas uma pessoa, um grupo ou toda uma comunidade (GONÇALVES; DI MESQUITA, 2009, p. 32). As cartas de Paulo são um exemplo disso. Enviadas para as comunidades cristãs originárias, Paulo escreveu no sentido de dar-lhes sugestões de como viver em grupo, defendendo a fé cristã.

Cronologicamente, a literatura cristã se inicia, para nós, com as epístolas de Paulo, as quais são, também, os mais antigos documentos cristãos conservados de forma independente. Além disso, numa época em que a difusão da mensagem cristã era eminentemente oral, a carta serviu para substituir a comunicação falada quando o remetente e o destinatário estavam distantes e separados. No meio cristão, as cartas adquiriram uma variedade de formas e funções, fato que correspondia à variedade de tipos de cartas presente no Mundo Antigo. As primeiras cartas paulinas, por exemplo, não foram escritas para a posteridade, mas sim para servirem às exigências do momento, entretanto, adquiriram grande importância ao longo do tempo.

Os diversos tipos de cartas foram bastante populares entre os escritores cristãos, as quais foram amplamente utilizadas na escritura do Novo Testamento. Algumas coleções epistolares antigas sobreviveram e nos ajudam no estudo da formação do cristianismo na Antiguidade. Entre as coleções mais importantes que sobreviveram, podemos destacar as de Cipriano, de Ambrósio, de Jerônimo e as de Agostinho.

As “*epistulae*” de Cipriano de Cartago

Os epistolários foram notadamente utilizados pelos Padres da Igreja e outros escritores cristãos da Antiguidade, que utilizaram todos, ou quase todos, os gêneros literários, à exceção do teatro (GAILLARD; MARTIN, 1990, p. 464).

Entre as correspondências mais célebres, Gaillard e Martin (1990, p. 464) elencam as Cartas de Cipriano de Cartago. De acordo com esses autores, as epístolas de Cipriano se igualam às cartas de Cícero no que tange ao interesse histórico. As cartas que compõem o *Corpus Cypriani* foram destinadas tanto a indivíduos, padres ou bispos, quanto a grupos de três ou quatro pessoas, e, também, às comunidades de cristãos de diversas paróquias e dioceses, especialmente para os cristãos de Cartago. A fórmula “aos padres, aos diáconos e a todo o povo”, é frequente nas *epistulae cypriani*. Neste caso, Gaillard e Martin (1990, p. 464) destacam que tal fórmula foi utilizada nas cartas intituladas como “pastorais”, ou seja, nas epístolas que deveriam circular, destinadas a serem lidas “no púlpito” da igreja. Tais missivas pertencem tanto ao gênero oratório, quanto ao gênero epistolar. Assim, não é de surpreender que o estilo de Cipriano seja quase sempre o de um orador, mesmo quando ele escreve às pessoas privadas. Importante ressaltar, é que Cipriano, antes da sua conversão ao cristianismo, ensinava retórica em Cartago.

Em relação ao contexto em que Cipriano escreveu as suas cartas, isto é, em meados do século III e entre duas perseguições aos cristãos, de Décio, em 250, e de Valeriano, em 258, Gaillard e Martin (1990, p. 465) associam este período de repressão vivenciado pelo bispo com o contexto da guerra civil vivenciado por Cícero, concluindo que as missivas de Cipriano não possuem menos mérito que as de Cícero. Além disso, suas cartas reproduziram o latim falado dos cristãos cultos desta época (SANCHIDRIÁN, 1998, p. 35).

A coleção de cartas, tal como possuímos hoje, foi sendo formada pouco a pouco. Cipriano guardava cópia das cartas que enviava e a elas juntava as respostas que recebia. Assim, tinha sempre à mão o que havia escrito aos outros e podia mostrá-las ou enviá-las a outros destinatários. Exemplo disso foi quando o bispo fixou cópias de treze cartas que havia dirigido aos clérigos de Cartago, aos confessores, aos exilados e a todos os fiéis junto à *epistula* 20, a qual foi enviada para o clero de Roma com a finalidade de justificar sua fuga durante a perseguição de Décio.

Deste modo, ele começou a formar pequenas coleções parciais de cartas referentes ao mesmo tema. Das 81 peças que compõem o *corpus* epistolar nas edições modernas, 59 foram escritas por Cipriano e endereçadas a diversos indivíduos ou às comunidades, 16 foram escritas a Cipriano ou ao clero de Cartago, e estão relacionadas com os assuntos de seu episcopado, seis cartas são coletivas, oriundas dos sínodos, nos quais Cipriano foi o principal ou o único redator.

Algumas cartas nos trazem o eco das palavras de eminentes personalidades da época como Novaciano, Cornélio, Estevão e Firmiliano de Cesareia; e nos revelam as esperanças, os temores, a vida e a morte, enfim, o cotidiano dos cristãos em um das províncias mais importantes do Império Romano. A coleção completa das cartas foi conservada em vários manuscritos e não aparecem em um único. Além disso, quase todos eles diferem em relação ao número e a ordem das cartas.

Em relação à vida de Cipriano contamos com pouquíssimas informações acerca da sua atuação em Cartago antes da conversão ao cristianismo. Entre esses raríssimos dados, sabemos que se chamava *Thascius Caecilius Cyprianus* e era de origem africana, da cidade de Cartago.³ A data exata do seu nascimento é desconhecida, provavelmente esta se situa entre os anos 200 e 210, pois tal cronologia se ajusta a alguns fatos de sua vida, como evidenciado por ele mesmo em sua obra.

A família de Cipriano, ao que tudo indica, era pagã, culta e de boa posição social, de tal modo, conjecturamos que este fato permitiu a Cipriano ter uma formação educacional fundada nos princípios da cultura clássica que constituíam a *paideia* greco-romana. Sabemos que Cipriano estudou retórica e chegou a exercer a profissão de professor e de advogado em Cartago. Diante disso, podemos supor que, como era comum aos meninos da época imperial, tenha iniciado sua formação aos sete anos de idade, aprendendo as primeiras letras. Depois dessa idade, os mais abastados, pertencentes às famílias aristocráticas, ficavam sob o cuidado de um professor particular, um tutor ou pedagogo, e por volta dos onze ou doze anos, eram enviados à escola do *grammaticus*. Nesta etapa, os meninos aprendiam os fundamentos da Retórica, da Eloquência e da Literatura Clássica, juntamente com lições de Mitologia. Por volta dos quinze anos de idade, o rapaz cuja família tivesse condições de arcar com a continuação de seus estudos, “estaria apto a cursar os estudos superiores da escola de *retor*, em que se aprofundaria em Gramática, Retórica, Dialética, Aritmética, Geometria, Música, Astronomia e Filosofia” (SILVA, 2010, p. 8).

O aprendizado da retórica, para os antigos, fazia parte do *triuuium* e vinha logo após a gramática, seguido do ensino da filosofia. O ponto fulcral da patrística cristã era as *Sagradas Escrituras* que, de acordo com Quacquarelli (2002, p. 1218), substituiu Homero e Virgílio. Segundo este mesmo autor, os escritores cristãos antigos geraram novas formas e novos conteúdos retóricos. As declamações em forma de *controversia*, as discussões acerca de temas jurídicos, de *suasoria* [persuasão], a disputa sobre temas de história, de mitologia e de cultura em geral se apresentaram como exercícios propedêuticos à vida moral.

As pouquíssimas datas e fatos dos quais dispomos acerca da vida de Cipriano anteriores à sua conversão ao cristianismo nos foram transmitidas de duas formas: diretamente, na *Uita Cypriani*, conservada em um número significativo de manuscritos, que Jerônimo atribui a Pôncio, diácono de Cartago;⁴ e na *Passio Cypriani*, as atas que descrevem detalhadamente o processo de Cipriano ante o tribunal proconsular em Cartago, nos tempos de Valeriano, e que culmina com o martírio do bispo, em 258. Dispomos também das obras escritas pelo próprio Cipriano, sobretudo as suas *Epistulas*. No entanto, em relação ao período anterior à sua conversão, Cipriano se mostra reticente. Para reconstituir o seu passado pagão devemos recorrer às informações transmitidas de forma indireta, presentes em autores posteriores, principalmente os dos séculos IV e V, como, por exemplo, Lactânncio, na *Diuinae institutiones*; Agostinho, no tratado *De doctrina christiana* e no sermão *In Natali Cypriani*; Eusébio de Cesareia, na *Historia Ecclesiastica*; e em Jerônimo, na obra *De uiris illustribus* (GÓMEZ, 2002, p. 23).

Cipriano se converteu em torno de 245 e 246. Depois disso, decidiu guardar celibato, vendeu parte de seus bens e doou-os como esmola, repartindo parte do dinheiro com os mais pobres. Dedicou-se, num primeiro momento, ao estudo das Escrituras e logo foi designado presbítero, uma vez que a comunidade cristã considerou-o como um indivíduo que encarnava os preceitos fundamentais de um *modus uiuendi* cristão, isto é, a caridade e a oração. Tal era o seu prestígio na Igreja cartaginesa que, em finais de 248 e princípios de 249, ao morrer o bispo Donato, foi eleito para ocupar a cátedra episcopal por aclamação popular, apesar de ser ainda um neófito.⁵

O período que concerne ao episcopado de Cipriano é a época que Décio assume o controle do Império. No mesmo ano em que foi eleito bispo de Cartago, Décio determinou, por meio de um edito, que os cidadãos romanos, sem exceção, cometessem sacrifícios aos deuses e ao imperador.⁶

O governo de Décio está inserido num contexto de instabilidade no Império, que compreende aos anos de 235 e 284. Tal período foi denominado de forma pejorativa como “Anarquia Militar”, “Crise do Terceiro século” ou “Período dos imperadores-soldados”. Esse momento é considerado por Gonçalves (2006, p. 189) como “uma época de inflexão, um período de mutação e de transição, que afetou com ritmo próprio todo o Império”. Na época da “Anarquia Militar”, o Império enfrentou alguns problemas de caráter político e econômico, além da pressão dos povos bárbaros que acantonados no *limes*, aproveitaram da situação de volubilidade para adentrarem em território romano.⁷

Com Décio, o cristianismo se converteu em uma questão política de primeira ordem na agenda do governo, inaugurando-se, assim, a intolerância religiosa no âmbito do mundo greco-romano (SILVA, 2006, p.247). Décio proclamou um edito em 249 ou 250 que determinava que todos os habitantes do Império, sem exceção, deveriam honrar os deuses romanos por meio de libações e sacrifícios. O objetivo de Décio, a princípio, não era coibir o cristianismo, mas ordenar que todos os cidadãos dessem prova de lealdade cívica a Roma, inclusive os cristãos, que seriam, dessa forma, reintegrados à comunidade política. O imperador pretendia, assim, reafirmar as bases simbólicas da sua autoridade combatendo todos aqueles que ameaçassem de alguma forma a ordem imperial. A atitude de Décio surge, nesse contexto, como uma correção diante da impiedade praticada contra a religião ancestral (SILVA, 2006, p. 247-248). Mas o edito também se constituiu uma severa medida anticristã, pois desencadeou a primeira perseguição oficial e sistemática contra os cristãos, afetando gravemente as Igrejas de Roma, do Oriente (Egito, Síria e Ásia Menor) e da África (UBIÑA, 1981, p. 215). A recusa em sacrificar aos deuses foi interpretada como falta de respeito ao Império e às suas divindades.

Em Cartago, a população pagã pediu aos gritos que Cipriano fosse entregue aos leões, como ele mesmo narra na *Epistula* 20. Diante dessa situação, o bispo julgou conveniente fugir, como o fez também Dionísio de Alexandria. Como esclarece Cipriano na *Epistula* 7, sua fuga foi uma medida em prol de sua comunidade, uma vez que sua presença poderia desencadear uma onda de violência generalizada. O paradeiro de Cipriano durante todo o tempo em que esteve escondido não é conhecido. Sua fuga não foi bem vista em algumas comunidades, gerando comentários desfavoráveis, sobretudo entre o clero de Roma, que, comovido pelo martírio de seu bispo, Fabiano, não compreendia a atitude do bispo cartaginês. Cipriano não cessa de apresentar em

suas cartas escritas no exílio, algumas das quais endereçadas a Roma, a justificativa de sua fuga e de demonstrar que, em nenhum momento, deixou sua comunidade desamparada, apesar de sua ausência física.

Apesar de sua brevidade, a perseguição de Décio produziu martírios, prisões e o desterro de muitos cristãos. Não obstante desses problemas, de acordo com Ubinã (1981, p. 215), seu efeito mais grave foi a segregação que produziu dentro das comunidades cristãs. A perseguição de Décio havia desencadeado um grande número de apostasias e a questão suscitada no seio da Igreja era relativa à conduta que se deveria ter em relação aos apóstatas.

Muitos foram os cristãos que apostasiaram, sacrificaram ou obtiveram, por meio de pagamento, um certificado como se tivessem sacrificado e foram denominados, por isso, como *libellatici*, ou seja, aqueles que possuíam o certificado – *libellus* – atestando o sacrifício. Alguns se limitaram a queimar incenso nos altares pagãos e foram chamados *sacrificati* ou *thurificati*.⁸ A reintegração dos *lapsi* foi um dos maiores problemas doutrinários e disciplinares que Cipriano enfrentou desde que assumiu a cátedra episcopal de Cartago.

A atuação episcopal de Cipriano na “ecclesia” de Cartago

Em suas cartas, Cipriano se mostra zeloso em instruir o colégio sacerdotal e em manter a disciplina e a ordem na congregação, aconselhando os presbíteros e diáconos a cuidar dos fiéis encarcerados e a não desviar a atenção dos pobres, enfermos, viúvas, órfãos e peregrinos. Do exílio, faz a seguinte observação aos presbíteros e diáconos:

Quanto à distribuição de dinheiro, tanto os que estão na prisão por haver confessado gloriosamente ao Senhor, como os que perseveraram constantemente no Senhor, apesar de sua pobreza e indigência, rogo que não lhes falem nada, pois a pequena quantidade que se recolheu foi distribuída entre os clérigos para casos assim, para [...] auxiliar nas necessidades e problemas (*Ep.*, 5).

Em outra carta, desejando regressar à sua igreja, volta a se pronunciar em favor dos fiéis, recordando a necessidade de auxílio às viúvas, aos enfermos e a todos os miseráveis:

Eu rogo para que tenhais cuidado esmerado com as viúvas, com os enfermos e com todos os pobres. Também os forasteiros, se algum deles estiver necessitado, deem socorro do meu próprio pecúlio particular que deixei nas mãos de Rogaciano, nosso copresbítero (*Ep.*, 7).

O episcopado de Cipriano abarcou quase uma década, cuja duração, de 249 a 258, se tratou de um período em que a comunidade cristã cartaginesa se viu ameaçada por diversos elementos, tanto de ordem externa, como as perseguições, quanto por problemas de ordem interna, como a questão dos *lapsi* – os caídos ou apóstatas; o cisma de Felicíssimo;⁹ e, o problema do batismo dos hereges (GÓMEZ, 2002, p. 26).

Numa carta endereçada aos presbíteros e diáconos, Cipriano escreve ansiando para que se estabeleça uma política eclesiástica uniforme no “tratamento” dos *lapsi*. O bispo profere:

Com razão não servem de nada nossos saudáveis e sinceros conselhos, se se entorpece a verdade saudável com adulações perniciosas, se sofre a alma ferida e enferma dos *lapsi* os que frequentemente sofrem também no corpo os enfermos e os débeis: de modo que, entretanto, rechaçam como amargos e detestáveis os alimentos sãos e as bebidas convenientes, e almejam as que parecem ser agradáveis e deleitosas no momento, provocam em si mesmos dano e morte por sua obstinação e intemperança, e não aproveitam para a sua saúde as verdadeiras medicinas do especialista, no entanto, os engana a contemplação doce que lhes adula (*Ep.*, 34, 2).

Em outra carta, Cipriano previne Cornélio, bispo de Roma, a respeito dos cismáticos encabeçados por Fortunato e Felicíssimo, que foram rechaçados pelos bispos da África e recorreram a Cornélio para que lhes fossem dada autoridade. Cipriano declara:

Já no tempo da perseguição, nós escrevemos cartas sobre o mesmo assunto e não fomos escutados. Depois, em um concílio [de 251] com numerosos assistentes, decretamos não somente de comum acordo, mas inclusive com obrigação, que os irmãos fizessem penitência e que nada concedesse a paz temerariamente a quem não a fizesse. E eles, sacrílegos contra Deus, temerários de ímpia loucura contra os bispos de Deus, separados da Igreja e com armas parricidas contra ela, procuram que a diabólica malícia termine sua obra e a clemência divina não cure aos feridos dentro de sua Igreja (*Ep.*, 59, 13).

Em outro trecho da mesma carta, Cipriano enfatiza:

Já que não se deve recolher algo que está podre se este irá causar danos ao que está intacto e são, nem é um pastor bom e prudente o que incorpora ao rebanho as ovelhas enfermas e contagiadas de forma que contaminem o rebanho inteiro ao colocá-lo em contato com seu mal. Oh, se pudésseis, irmão queridíssimo [referindo-se a Cornélio], estar aqui com nós quanto estes maus homens, estes perversos, de volta do cisma! Veria quanto me custa persuadir a nossos irmãos que tenha paciência, que acalmem sua indignação e conscientizem em que sejam recebidos e curados os maus. Pois, como se alegram e gozam da volta dos toleráveis e menos culpados, se indignam e resistem quando os incorrigíveis e violentos, os contaminados com adultérios ou com sacrifícios. E acima disso, orgulhosos, voltam à Igreja, para corromper as boas almas (*Ep.*, 59, 15).

Diante das palavras de Cipriano, é tácito o sentimento que ele nutre em relação aos cristãos que apostasiaram no tempo da perseguição. Seu intuito é fazer com que tais indivíduos tenham paciência para esperarem o tempo certo de serem reincorporados à Igreja, e que isso seja feito pelo bispo que possuía a autoridade competente para tal ato.

As ideias e ensinamentos do bispo cartaginês atingiram e foram disseminadas por vários outros líderes episcopais em diversas congregações. Na *Epistula* 30 possuímos o relato os presbíteros e diáconos de Roma que escreveram a seguinte mensagem para Cipriano:

Também temos feito ver nosso sentir e nosso acordo contra aqueles que haviam manchado suas mãos e sua boca com sacrifícios culpáveis, como consequência de haver manchado antes suas almas. Longes da Igreja romana, afrouxam com uma facilidade tão profana seu grande vigor e debilitam os músculos da severidade, minando a autoridade da fé, [...] vão caindo, [e quando] se concede o remédio da conciliação com excessiva precipitação, este não é eficaz, e por uma misericórdia falsa, se adicionam novas feridas às antigas feridas da apostasia, removendo a penitência aos miseráveis para sua maior ruína. Onde, portanto, poderá causar seu efeito a medicina da indulgência, se inclusive o mesmo médico, ao prescindir da penitência, fomenta os perigos, se tão somente se limita a tapar a ferida e não dá tempo a que cicatrize? Isto não é curar, mas que, se queremos dizer a verdade, é matar (*Ep.*, 30, 3).

Diante da proliferação de apóstatas, os quais colocavam em risco a unidade da comunidade, Cipriano se utilizou de sua retórica na tentativa de “purificar” a *Ecclesia*. O bispo pretendeu esclarecer aos fieis que aqueles que apostasiaram e, logo, estariam fora dela, se encontravam “feridos” e necessitavam da “cura”, encontrada apenas dentro da “verdadeira Igreja”.

Considerações finais

Cipriano tratou, em diversas oportunidades, da perseguição e de seu impacto sobre o cotidiano da igreja de Cartago, sobretudo, no que se refere às discussões em torno da penitência e reconciliação dos apóstatas e à polêmica com Roma sobre a validade do batismo ministrado aos hereges.

Pensamos que as cartas de Cipriano nos informam, igualmente, acerca do que ele esperava de um cristão “legítimo” e realmente comprometido com a sua comunidade. Ao tratar do comportamento que os cristãos deveriam assumir diante dos infortúnios – perseguições, cismas, epidemias – e dos lugares que deveriam ser evitados pelos mesmos, o bispo nos leva a supor que, em sua época, os cristãos não estariam se comportando de maneira apropriada, razão pela qual a primeira providência de Cipriano ao assumir a Sé de Cartago foi fortalecer os códigos que regiam a disciplina comunitária. Pensamos que a recorrência do tema disciplinar em suas cartas nos permite concluir que uma das mais urgentes tarefas impostas aos bispos no século III era justamente a de ordenar o dia a dia da igreja, que julgavam em risco.

Chegamos a esta conclusão partindo do pressuposto de que, em meados do século III, o cristianismo ainda se encontrava culturalmente vinculado à crença judaica. Segundo Daniel Boyarin (2007a; 2007b) a separação entre esses dois sistemas religiosos foi artificialmente produzida pelos heresiarcas da Antiguidade Tardia, muitos deles bispos. Numa época em que o Império passava por uma conjuntura de instabilidade política e na qual o cristianismo era considerado, ainda, uma *religio illicita*, Cipriano tentou criar um tipo de cristão “ideal”.

Sem esquecer a dimensão universal da Igreja, Cipriano sempre teve em mente a igreja local, que considerava “estabelecida sobre o bispo”, como narra na *Epistula* 33. Foi um dos primeiros a conferir legitimidade e unidade ao juízo do bispo, pois, para ele: “todos devem reconhecer que o bispo está na Igreja e a Igreja no bispo; se alguém não está com o bispo, não está na Igreja” (*Ep.*, 66).

Um dos assuntos de maior destaque em sua obra é a defesa intransigente da autoridade episcopal como pedra angular da unidade eclesial, o que explica o esforço de Cipriano em reunir os bispos a fim de estabelecer certa coesão entre as igrejas do norte da África e de converter a assembleia conciliar numa instância superior de resolução dos conflitos inerentes às comunidades. A iniciativa foi, ao que tudo

indica, coroada de êxito, pois as decisões tomadas nos concílios norte-africanos logo despertaram o interesse das demais congregações, sobretudo as ocidentais, como as da Península Itálica, Gália e Hispânia. Ao mesmo tempo, a enérgica atuação de Cipriano fez com que suas ideias fossem tomadas como referência em termos de doutrina, a ponto de cristãos de outras localidades do império afluírem a Cartago em busca de soluções que não encontravam em Roma (UBIÑA, 2003, p. 278). Como atestam seus compatriotas da Numídia – Nemesiano, Dativo, Félix e Victor –, na *Epistula 77*, Cipriano foi “um excelente e bom mestre”, que cimentou uma das igrejas mais sólidas e bem organizadas do Mundo Antigo.

Cipriano, na condição de bispo de Cartago, agiu como o coordenador de um colégio episcopal. De fato, algumas de suas epístolas sugerem que ele cultivava o hábito de fazer visitas regulares às igrejas da província para tomar ciência do que estava ocorrendo (BURNS JR., 2002, p. 155). Ao analisarmos as cartas e tratados de Cipriano julgamos que a sua atuação cotidiana frente à comunidade de Cartago o qualificou como um notável líder, sempre comprometido com o desenvolvimento e reforma de sua congregação.

Referências Bibliográficas

Fonte primária impressa

CIPRIANO DE CARTAGO. *Cartas*. Introdução, tradução e notas de Maria Luisa García Sanchidrián. Madrid: Gredos, 1998.

CIPRIANO DE CARTAGO. *Cartas e Tratados*. Introdução, versão e notas de Julio Campos. Madrid: BAC, 1964.

Obras de apoio

ALTMAN, J. G. *Epistolarity: approaches to a form*. Ohio: Ohio State University Press, 1982.

BERARDINO, A. Novato. In: _____. (Org.). *Dicionário patrístico e de Antiguidades cristãs*. Petropolis: Vozes, 2002, p. 1013-1014.

BOYARIN, D. *Border lines: the partition of Judaeo-Christianity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007a.

_____. Semantic differences; or, “Judaism”/ “Christianity”. In: BECKER, A. H.; REED, A. Y. (Ed.). *The ways that never parted: Jews and Christians in late antiquity and the early middle ages*. Minneapolis: Fortress Press, 2007b, p. 65- 85.

BURNS JR., J. P. *Cyprian the bishop*. London and New York: Routledge, 2002.

CAMPOS, J. Introdução. In: CIPRIANO DE CARTAGO, *Cartas e Tratados*. Madrid: BAC, 1964.

DEPEW, M; OBBINK, D. *Matrices of genre: authors, canons, and society*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

- DERRIDA, J. *The post card: from socrates to Freud and beyond*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- EBBELER, Jennifer. Letters. In: BARCHIESI, Alessandro; SCHEIDEL, Walter (Ed.). *The Oxford handbook of roman studies*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 464-476.
- EDWARDS, C. Epistolography. In: HARRISON, Stephen (Ed.). *A companion to latin literature*. Blackwell Publishing, 2005, p. 270-283.
- GÓMEZ, R. S. *El corpus epistolar de Cipriano de Cartago (249-258): estructura, composición e cronología*. Tese de doutorado. Programa doutorado: “Mediterrània: Prehistòria i Món Antic, Departament de Prehistòria, Història Antiga i Arqueologia, Facultat de Geografia i Història, Universitat de Barcelona, 2002.
- GONÇALVES, A.T.M.; DI MESQUITA, F.D.G. Atividade epistolar no mundo antigo: relendo as cartas consolatórias de Sêneca. *História Revista*. Goiânia, v.15, n.1, p. 31-53, 2010.
- GONZÁLEZ, J. L. *Historia del cristianismo: desde la era de los mártires hasta la era de los sueños frustrados*. Tomo 1. Miami: Unilit, 1994.
- HALE, B. D. *Introdução ao estudo do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Junta de educação religiosa e publicações, 1986.
- HALL, J. *Politeness and politics in Cicero’s letters*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- HARRISON, Stephen (Ed.). *A companion to latin literature*. Blackwell Publishing, 2005.
- MALHERBE, A. *Ancient epistolar theorists*. Atlanta: Scholars Press, 1988.
- MORESCHINI, C.; NORELLI, E. *História da literatura cristã antiga grega e latina*. São Paulo: Loyola, 1996, t. 1.
- PRETIS, A de. *Epistolarity in the first book of Horace’s epistles*. Piscataway: Gorgias Press, 2002.
- QUACQUARELLI, A. Retórica. In: BERARDINO, A. (Org.). *Dicionário patrístico e de Antiguidades cristãs*. Petropolis: Vozes, 2002, p. 1218-1219.
- SANCHIDRIÁN, M.L. Introdução. In: CIPRIANO DE CARTAGO. *Cartas*. Madrid: Gredos, 1998.
- SILVA, G. V. A formação dos cidadãos do céu: João Crisóstomo e a *christon paideia*. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 32, n. 1, p. 7-17, 2010.
- _____. A relação Estado-Igreja no Império Romano (séculos III e IV). In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (Orgs.). *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: EDUFES/ Mauad, 2006, p. 241-266.
- _____; SOARES, C. da S. O “fim” do Mundo Antigo em debate: da crise do século III à Antiguidade Tardia e além. *Nearco*, p. 137-161, 2013.
- ROSENMEYER, P. *Ancient epistolary fictions: the letter in greek literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. Ovid’s *Heroides* and *Tristia*: voices from exile. *Ramus*, 1997, p. 29-56, n. 26/1.
- STOWERS, S. K. *Letter writing in Greco-Roman Antiquity*. Philadelphia: Westminster Press, 1986.
- TRAPP, M. *Greek and latin letters: an anthology with translation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- UBIÑA, J. F. El cristianismo greco-romano. In: SOTOMAYOR, M.; UBIÑA, J. F. (coord.). *Historia del cristianismo*. Granada: Trotta, 2003, p. 227-292, t. 1.

Notas

¹ Aqui, utilizaremos as denominações *carta*, *epistula*/epístola, *litterae* e *missivas* como sinônimos.

² Neste caso, Gonçalves e Di Mesquita citam o exemplo da “correspondência trocada entre Plínio, o Jovem e o Imperador Trajano, e o caso de Dion Cássio, que, em sua obra História Romana, do III século d.C., informa que resolveu estender o conteúdo de sua obra histórica até os governos dos Severos após receber uma carta do Imperador Septímio Severo, agradecendo-lhe o envio de um opúsculo referente aos *omina imperii*, isto é, os sinais divinos emitidos por meio de fenômenos naturais, que precederam sua ascensão ao poder imperial” (GONÇALVES; DI MESQUITA, 2009, p. 33).

³ Território que corresponde ao atual país da Tunísia.

⁴ O nome de Pôncio não figura em *Uita Cypriani*. Jerônimo é quem o menciona em *De uiris illustribus*, obra na qual faz uma breve biografia de 135 personagens da Igreja até o século IV. Pôncio poderia ser o personagem homônimo proveniente de uma inscrição do século III procedente de Curubis, povoação perto de Cartago onde Cipriano passou o tempo do seu exílio, desde agosto de 257 até alguns dias antes de sua morte, em setembro de 258 (GÓMEZ, 2002, p. 23).

⁵ Em finais do século II, existia na Igreja uma hierarquia com três níveis: bispos, presbíteros e diáconos. O quadro que o Novo Testamento nos apresenta, no entanto, é que tal organização variava de acordo com as regiões. A ênfase na autoridade do bispo e na sucessão apostólica surgiu, igualmente, no segundo século, como um modo de evitar as heresias. Na tentativa de evitar as falsas doutrinas, a Igreja centralizou a sua autoridade, e as mulheres ficaram excluídas do ministério da pregação (GONZÁLEZ, 1994, p. 140).

⁶ Décio, que havia sido proclamado imperador por suas tropas, derrotou Filipe, o Árabe e ascendeu ao poder em 249, deflagrando o primeiro ciclo de perseguição ostensiva aos cristãos. Doravante, o cristianismo será encarado como um problema político pela casa imperial, que tentará regulá-lo e/ou coibi-lo (SILVA, 2006, p. 247).

⁷ Para um melhor esclarecimento acerca do período referente ao século III consultar SILVA; SOARES (2013).

⁸ Aos cidadãos que honrassem os deuses com sacrifícios e libações, ou seja, que mostrassem lealdade ao Império era emitido um certificado, o *libellus*, por uma comissão expressamente constituída para tal fim, incumbida de fiscalizar o cumprimento da lei. A execução desta lei, no entanto, foi muito desigual entre as províncias imperiais e variou conforme a posição dos governantes e das comunidades de cada local (SILVA, 2006, p. 248). Um destes *libellus* foi encontrado em Fayoum, Egito, em 1893, e nele estava escrito o seguinte: “AOS COMISSIONADOS PREPOSTOS PARA OS SACRIFÍCIOS NA ALDEIA ALEXANDRONESO, DA PARTE DE AURÉLIO DIÓGENES, FILHO DE SÁTABO, NASCIDO EM ALEXANDRONESO, DE 72 ANOS DE IDADE, MARCA PARTICULAR: UMA CICATRIZ NA SOBRANCELHA DIREITA. Sempre sacrifiquei aos deuses, e agora na vossa presença, de conformidade com os termos do edito, acabo de oferecer sacrifícios e libações e de provar carnes sacrificadas. Solicito de Vossa Senhoria outorgar-me um certificado para o devido efeito. Saudações. SÚPLICA APRESENTADA POR MIM, AURÉLIO DIÓGENES. EU CERTIFICO TER PRESENCIADO O SACRIFÍCIO DE AURÉLIO SIRO. Datado neste primeiro ano do Imperador César Gaio Méssio Quinto Trajano Décio, Pio, Félix, Augusto (26 de junho de 250)” (apud BETTENSON, 1967, p. 42).

⁹ Felicíssimo foi ordenado diácono e posto como chefe dos dissidentes de Cartago por Novato, que foi a Roma e engrossou as fileiras dos cismáticos e seguidores de Novaciano. Este último não aceitou a eleição de Cornélio para a sede de Roma e fez ser eleito. Diante dessa situação, Novaciano recebeu o apoio de outros eclesiásticos, entre eles Felicíssimo e Novato, que não aceitaram a eleição de Cornélio e que comungavam da mesma opinião de Novaciano quanto ao rebatismo dos *lapsi*. Para este grupo, os apóstatas não poderiam, em nenhuma hipótese, serem readmitidos à Igreja. Surgiu, assim, o primeiro cisma na Igreja de Roma. Novaciano é considerado, na história da Igreja, o primeiro antipapa, o qual chegou a constituir a heresia denominada Novacionismo e fundou a igreja dos *catharoi*, os puros, que durante cerca de duzentos anos desafiaram a autoridade do bispo de Roma (BERARDINO, 2002, p. 1013).

Artigo recebido em 14/10/2013. Aprovado em 18/11/2013.